

Engolido



Homem ao mar – A fúria da tempestade transformou a competição numa terrível luta pela sobrevivência.

FOTO: © IAN MAINSBRIDGE/NOKIA/PPL

peelo mar

Ele queria uma aventura – e o mar atendeu a seu desejo Por Lawrence Elliott

A SYDNEY-HOBART é considerada o Monte Everest das regatas oceânicas: não há muitas atividades que exijam tamanha ousadia em nome do esporte. E era por isso que, no dia seguinte ao Natal de 1998, milhares de espectadores apinhavam o porto de Sydney quando o canhão disparou, e uma flotilha exuberante de 115 veleiros zarpou pela costa australiana. O destino: Ilha da Tasmânia, a três dias e 1.160 quilômetros de distância.



Mas da flotilha original apenas 44 chegaram ao destino, sobreviventes esfarrapados de uma tempestade mortal cuja extensão ninguém previra, e em cuja fúria ninguém jamais teria acreditado. Seis homens morreram. Muitos mais teriam perecido não fosse a coragem das equipes de busca e salvamento. Eis a história de um desses resgates.

“NUNCA VI nada igual!”, tentou gritar o velejador John Campbell, a voz abafada pelo rugido da tormenta.

Nem Peter Meikle, que observava o vento arrancar faixas de espuma do topo dos imensos vagalhões.

Diversas embarcações já haviam desistido da regata no início da noite de 27 de dezembro. Meikle, porém, sabia que retornar poderia ser mais perigoso do que prosseguir. O veleiro deles, o *Kingurra*, já havia avançado muito no traiçoeiro Estreito de Bass, galgando vagas de 18 metros de altura e escorregando até o cavado da onda com baques surdos.

Os dois homens haviam se conhecido seis anos antes. O americano Campbell aparecera no cais de Sydney, buscando uma vaga de tripulante para a regata daquele ano. Meikle dispunha do lugar deixado por um de seus tripulantes, que desistira.

O mau tempo os tirou daquela regata, assim como da Sydney-Hobart do ano seguinte, quando já eram amigos. Agora, Meikle havia persuadido Campbell a vir de sua casa, perto de Seattle, nos Estados Unidos. Se o *Kingurra* não conseguisse chegar a Hobart, prometeu Meikle, ele pagaria do próprio bolso a passagem de volta do amigo.

Campbell estava exultante. Acabara de concluir a pós-graduação na Universidade de Washington. Esta seria sua última aventura antes de começar a trabalhar.

Os quatro tripulantes do turno de vigia estavam no *cockpit*, presos por cintos de segurança, quando alguém gritou: “Cuidado!” Mas Campbell não chegou a ver o vagalhão de 27 metros elevando-se atrás do *Kingurra*. Só sentiu quando foi arrastado e jogado de cara contra algo contundente. Então tudo escureceu.

O *Kingurra* adernou 145 graus, mastro na água, estremecendo como se fosse virar. Mas o veleiro de 43 pés se livrou da onda e se aprumou.

Limpando os olhos, Meikle viu dois dos vigias subir de volta ao convés. Campbell, porém, estava pendurado do lado de fora da balaustrada da popa, inconsciente, os pés mergulhados na água. A tira do cinto de se-

gurança se enroscara em torno do pescoço e o estava enforcando.

Imediatamente, Meikle debruçou-se e agarrou Campbell para desapertar a tira. Vieram então momentos terríveis dos quais jamais se esqueceria: a luta para içar o amigo pelas costas de volta a bordo; os braços do velejador inconsciente escorregando pelas mangas do impermeável e soltando-se do cinto; a tentativa desesperada de segurar uma de suas mãos; a mão escapando das suas, arrancada pela onda se-

de tudo para manter o *Kingurra* estável, com a esperança de não perder de vista o companheiro na claridade que se extinguiu.

Ao RECOBRAR a consciência, Campbell não sabia por que estava na água. Desvencilhando-se das botas, avistou o *Kingurra* a uns 400 metros de distância. *Por que não dão a volta?*

Não lhe veio à mente nenhuma imagem de passeios de veleiro com a família em Puget Sound, nem mesmo do rosto da namorada, Lucie

O piloto viu um sólido paredão de água, erguendo-se 15 metros acima do helicóptero.

guinte; a visão horrível de Campbell deslizando para a água.

Meikle berrou: "Homem ao mar!", gritando em seguida para um tripulante: "Fique de olho nele! Não o perca de vista de jeito nenhum!"

O timoneiro Peter Joubert pediu socorro pelo rádio: "*Mayday! Mayday!* Homem ao mar!" Os demais membros da tripulação de dez homens lutavam para fazer o veleiro retornar. Mas o motor, encharcado, não pegava. A tormenta havia rasgado uma vela e os ventos impediam que outras fossem içadas.

Joubert continuava no rádio: "Precisamos de um helicóptero!"

Distantes da costa cerca de 120 quilômetros, os velejadores faziam

Fischer. Só tinha um pensamento: *Como retornar ao barco?* Reunindo todas as forças, tentou nadar em direção ao veleiro, mas o mar o jogava de volta. Só conseguia se manter à tona na água gélida, os dentes batendo, imaginando por quanto tempo mais agüentaria.

O PILOTO de helicóptero Darryl Jones fez a aproximação, guiado pelo clarão vermelho de emergência acionado pelo *Kingurra*. Mas avistar um homem no mar revolto era completamente diferente.

Entretanto, em meio ao torvelinho de espuma branca, mesmo abafado pelo zunido do vento, Campbell conseguiu ouvir o ruído compassado do



‘Nós os pegamos!’ – Depois de resgatar Campbell (à frente), a equipe de David Key, Barry Barclay e Darryl Jones salvou mais quatro homens.

helicóptero da polícia. Avistou a aeronave a cerca de 600 metros a favor do vento, movendo-se de um lado para o outro, procurando-o. Campbell acenou com suas últimas forças, tentando atraí-lo.

“Achei!”, exclamou Barry Barclay, operador de guincho. “Continue para a esquerda!”

Jones lutava para manter o helicóptero pairando a uma velocidade de quase 160 km/h. Enquanto isso, o tripulante David Key prendia-se a um cabo. Key iria nadar preso pelo cabo do guincho. Estava prestes a ser baixado 30 metros até a água.

Assim que tocou o mar, Key foi sugado; ao emergir engasgando na água salgada, foi arrastado para o topo de um vagalhão e despencou rolando em uma queda aterrorizante. Logo se viu de novo submerso, na

escuridão. Ao emergir, estava completamente desorientado.

Pela porta aberta do helicóptero, Barclay acompanhava as dificuldades de Key, enquanto gritava ao piloto Jones pelo intercomunicador: “Para a frente, para trás, esquerda, direita.”

Lutando para manter a estabilidade, Jones levantou os olhos a tempo de ver algo que mal conseguiu compreender. Em meio à escuridão surgiu um sólido paredão de água, erguendo-se 15 metros acima deles.

“Tenho de subir, Barry!”, gritou Jones, arremetendo na vertical. Estava a uns 50 metros quando a onda monstruosa correu por baixo deles. Escaparam por uns três metros.

Erguido no ar pela manobra brutal, Key agora despencava, engolfado pela água. Aos 44 anos, era um veterano havia 26 anos no Exército e

na polícia, com seis anos de experiência nesse tipo de salvamento no mar. *Estou velho demais para isto*, disse a si mesmo. Mas, quando voltou à tona, deu de cara com o americano.

– Obrigado – murmurou Campbell, debilmente.

– Tudo bem – respondeu Key.

Ajustou em Campbell o cinto de segurança e ergueu o braço, sinalizando para o guincho. A 60 centímetros da porta do helicóptero, o guincho travou.

“Vamos perdê-lo!”, gritou Barclay no intercomunicador quando Campbell começou a escorregar do cinto de segurança. Apesar dos esforços frenéticos de Jones, o guincho não respondia.

Barclay respirou fundo, inclinou o corpo para fora e, forçando o cabo de segurança, prendeu Campbell com firmeza nos braços. Em um esforço de pura adrenalina, içou-o para dentro do helicóptero. Instantes depois o guincho funcionou e Key subiu a bordo.

“Vamos dar o fora daqui!”, disse Barclay, enquanto Jones rumava para terra. Estavam a 120 quilômetros de Mallacoota – 45 minutos de vôo – e restavam 90 minutos de combustível. Mas Jones tinha de voar contra rajadas de vento de mais de 200 km/h.

Atrás dele, Campbell tremia, deitado no piso do helicóptero. Key e Barclay posicionaram-se um de cada

lado do velejador, massageando-lhe braços e pernas.

Em meio a rajadas de chuva contra o pára-brisa, Jones voava num céu cada vez mais escuro. Embora o ponteiro de velocidade de vôo marcasse perto de 225 km/h, voando contra o vento o helicóptero se arrastava em direção a terra, a uma agonizante média de 20 km/h.

Jones viu as luzes vermelhas do combustível se acenderem. Restavam dez minutos de combustível, e nem sinal de terra. Por fim, a sombra escura da costa surgiu no horizonte.

Pensando em pousar no campo de futebol de Mallacoota, Jones pediu uma ambulância pelo rádio. Mas ainda faltavam 22 quilômetros e dez minutos para chegar ao campo, e as luzes ainda estavam vermelhas.

E então, de repente, tudo acabou: Jones pousou e a ambulância disparou na direção deles. Enquanto Campbell era rapidamente transportado, os três policiais aviadores permaneceram de pé, juntos, em silêncio, estupefatos pelo que haviam passado durante a última hora.

John Campbell precisou de várias cirurgias para recompor ossos fraturados no rosto, mas, em setembro de 2000, em Seattle, já sorria novamente na cerimônia de seu casamento com Lucie Fischer. Peter Meikle era um dos convidados de honra.

Sempre achei que uma boa risada era um som forte da alma dizendo: “Não é verdade?”

—QUINCY JONES, *Victory of the spirit* (Warner)

Temos de ser originais porque, se formos como os outros, vão precisar de nós para quê?

—BERNADETTE PETERS, *Inside the Actors Studio* (Bravo)

Ninguém sobressai mais do que aquele que se dispõe a ser corrigido.

—WILLIAM SAFIRE na *New York Times Magazine*

Comédia não é nada além da tragédia adiada.

—PICO IYER, *Time*

A vida gosta que a peguem pela lapela e lhe digam: “Estou contigo. Vamos em frente.”

—MAYA ANGELOU no *Daily News*

Quando nos encanta, é inocência; do contrário, ignorância.

—MIGNON MCLAUGHLIN, *The neurotic's notebook*

A medida real do homem não lhe traz bem algum.

—ANN LANDERS

Os maiores conflitos não se dão entre duas pessoas, mas entre o indivíduo e ele próprio.

—GARTH BROOKS, *Country Music*

Quem disse?

“Sou mais talentosa como cozinheira.”

- a) Ana Maria Braga
- b) Rachel de Queiroz
- c) Joana Prado
- d) Cássia Kiss

—VEJA A RESPOSTA ABAIXO

b) Rachel de Queiroz citada por Suenio Campos de Lucena em 21 escritores brasileiros: uma viagem entre mitos e moles (Escrituras Editora)

O outono é aquela estação em que a natureza parece parar de crescer e começar a resplandecer.

—WILLIAM ARTHUR WARD em *Quote*

Aquele que se orgulha de nunca ter tropeçado, nunca tentou andar.

—RODOLFO GAUNA, *Argentina*

Jamais gostei de alguém que não fosse genioso. Quem não tem gênio tampouco tem paixão.

—MICHAEL BLOOMBERG em “20/20” (Rede ABC)